



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE ARTES CÊNICAS E DANÇA**

DAYNARA LOUBET DE BARROS

**A ARTE COMO CAMINHO DO SENSÍVEL: CONTRIBUINDO PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

**CAMPO GRANDE- MS
NOVEMBRO / 2015**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE ARTES CÊNICAS E DANÇA**

DAYNARA LOUBET DE BARROS

**A ARTE COMO CAMINHO DO SENSÍVEL: CONTRIBUINDO PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Artes Cênicas e Dança no Curso de Graduação em Artes Cênicas e Dança – Licenciatura da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^a. Me. Christiane Guimarães de Araújo.

**CAMPO GRANDE – MS
NOVEMBRO DE 2015**

A ARTE COMO CAMINHO DO SENSÍVEL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Daynara Loubet de Barros¹

Christiane Guimarães de Araújo²

Resumo: O presente artigo pretende analisar a importância da arte na educação infantil baseando-se na contribuição que esta traz ao desenvolvimento da criança, a partir de estudos voltados à brincadeira e a arte. Compreende-se o registro do corpo de forma sensível nas experiências vividas pela criança potencializando seu desenvolvimento, cognitivo, afetivo e motor. Utilizando pesquisa bibliográfica reflete-se sobre a presença da Arte-educação trazida por Ana Mae Barbosa e como esta acontece na educação infantil. Baseia-se também na educação do sensível e como esse pensamento entrelaça com uma breve análise do projeto de arte implantado em uma instituição de ensino da rede privada da Cidade de Campo Grande – MS. O referido projeto acontece desde o ano de 2014 e busca proporcionar às crianças experiências artísticas que colaborem para seu desenvolvimento. Com base em algumas questões aplicadas às professoras da escola pretendemos pensar como a arte pode dialogar com o trabalho feito pelas professoras para que juntos possamos pensar o desenvolvimento da criança.

Palavras chave: Educação Infantil. Desenvolvimento Infantil. Educação Sensível.

Introdução

Este estudo propõe uma reflexão acerca da presença da arte na Educação Infantil e em como esta pode contribuir para o desenvolvimento da criança. Propomos uma análise de um projeto de arte implantado em uma instituição de ensino da rede privada de ensino. Para isso buscou-se partir de questões aplicadas através de entrevistas com algumas professoras de sala que acompanham o desenvolvimento do projeto desde seu início, observando como estas compreendem a presença da arte como disciplina na educação infantil e quais as possíveis influências que visualizavam de forma positiva ou negativa em relação às demais aulas das crianças.

Destacamos também a “Educação do Sensível”, estudo proposto por Duarte Junior a fim de compreender como pode nos auxiliar em nosso trabalho com a arte.

¹ Graduanda do curso Artes cênicas e dança, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Desenvolve Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a orientação da Profª. Me. Christiane Guimarães de Araújo, intitulado “A arte como caminho do sensível: contribuindo para o desenvolvimento infantil”.

² Mestre em Educação na Universidade Católica Dom Bosco/MS (2014), pós-graduada em Arte Integrativa pela Universidade Anhembi Morumbi – SP. Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) no curso Artes cênicas e dança.

Analisamos a presença da brincadeira na Educação Infantil e o quanto esse ato contribui para o desenvolvimento infantil.

I. Objetivos da Arte e do brincar na educação infantil: nossa proposta e caminhos desenvolvidos na escola

Entendemos que a criança age em relação ao meio de forma completa e verdadeira, mas vivemos em um mundo em que tudo é racionalizado e que o consumismo cria falsas necessidades tanto nas crianças quanto nos adultos. Sandra Richter (1999) em seu estudo sobre infância e imaginação nos traz uma reflexão sobre o conhecimento infantil, que acontece a partir da relação entre razão e imaginação. A autora explica que atividades artísticas podem ser estratégias para que a criança desenvolva um pensamento que une razão e emoção e, desta forma, tal pensamento permite que ela esteja atenta a tudo que acontece seja interna ou externamente.

A criança se relaciona com o meio social a sua volta e a partir desta relação reconstrói o mundo à sua imagem. É necessário que as crianças sejam indivíduos ativos no mundo e não apenas passivos de tudo que os cerca, as crianças devem possuir capacidade de manipular e transformar o mundo, como nos aponta Richter (1999):

Nunca será demais repetir: o olho não é passivo captador biológico-perceptivo do real, há nele um fator cultural fundante do real. O meio em que a criança se desenvolve é o universo adulto, e esse universo age sobre ela da mesma maneira que todo contexto social (RICHTER, 1999, p. 186).

O meio social influencia ativamente no desenvolvimento da criança e o adulto proporciona este meio, para tanto, se faz necessário, por parte do adulto, um olhar sensível para auxiliá-la em seu desenvolvimento. Neste sentido é importante proporcionar um ambiente com situações onde a criança possa exercitar sua liberdade e sua imaginação.

O fazer artístico proporciona à criança uma forma de expressar seus sentimentos, mas é necessário primeiramente compreendermos que expressar é diferente de comunicar. Duarte Junior (1986) nos explica que comunicar é transmitir conceitos e expressar é manifestar sentimentos, ou seja, quando dizemos que a criança pode expressar seu sentimento através da arte é preciso estar ciente que a

arte “[...] procura concretizar, nas formas, aquilo que é inefável, inexprimível pela linguagem conceitual” (Duarte Junior, 1986, p. 45). O resultado do processo artístico possui um sentido que reside na obra e não fora dela, o fazer artístico é o que não pode ser dito ou traduzido.

André Barcellos Carlos de Souza (2014) aponta um pensamento sobre a utilidade da arte. O crítico nos aponta que seu consumo não possui, necessariamente, utilidade, caso contrário seria dependente de algo e perderia sua autonomia e sua liberdade. A arte não possui um fim como finalidade, ela é para a experiência.

Com este pensamento implantamos, em uma instituição de ensino da rede privada de ensino da cidade de Campo Grande – MS, um projeto de arte que visa contemplar este fazer artístico, através de atividades que proporcionem à criança experimentar diferentes linguagens dentro do conceito de educação contemporânea para a arte e educação. Compreendendo também os conceitos da educação do sensível, observamos as crianças e pensamos em propostas que contribuam para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e estético-artístico.

Assim, buscamos propor atividades que proporcionem uma experiência significativa e que tal experiência possa ficar registrada de forma sensível nas crianças. Ana Mae Barbosa (1998) nos explica que para conhecermos algo de forma verdadeira é necessário que tenhamos uma experiência completa, e a experiência artística é necessária “[...] para desenvolver as capacidades de produção – apreciação que constitui a experiência significativa em qualquer área” (BARBOSA, 1998, p. 23).

Entendemos que em nosso trabalho na sala de aula encontramos uma diversidade cultural no que se refere aos nossos alunos, e é, segundo Barbosa (1998), através da arte podemos entender a cultura de uma sociedade. A arte permite e estimula a atividade criativa transformando a realidade do indivíduo. Segundo Barbosa (1998):

Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 1998, p. 16).

Compreendemos que a arte permite aos alunos perceberem seus sentidos e expressarem seus sentimentos, mas este não é apenas o único objetivo dela na escola. Precisamos compreender que para que a arte possa contribuir para o desenvolvimento emocional e cognitivo precisamos, além de expressar nossas emoções, refletirmos sobre elas, a experiência emocional deve progredir e se expressar, mas não de forma meramente ao acaso.

Nosso trabalho na escola propôs sempre, além de construir obras, que as crianças possam exercitar seus sentidos, aprimorando assim sua percepção. Eliana Pougy (2011) nos fala sobre os sentidos na arte:

Ao vivenciarem a percepção visual, tátil, espacial, sonora e gestual, os alunos também desenvolvem a capacidade de dar sentido aos símbolos, característica da linguagem. Serão capazes também de armazenar conteúdos na memória, criando repertório sempre útil em várias situações ao longo da vida (POUGY, 2011, p. 24).

Além de todas as atividades aplicadas no decorrer do ano na escola, durante a semana de comemoração ao dia da criança, ocorrida na primeira semana de outubro, proporcionamos uma experiência corporal onde as crianças podem pintar livremente utilizando a princípio as mãos. Observamos que, ao final da atividade, as crianças além de pintar o papel estão pintando o corpo também. Assim, percebemos que elas necessitam experienciar com o corpo a proposta feita.

Durante a semana mundial do brincar proposta por parte da Aliança pela Infância, propomos um resgate às brincadeiras tradicionais que em geral não estão presentes na vida das crianças. As brincadeiras acontecem de forma livre, onde as crianças podem se conectar à brincadeira a seu tempo, potencializando assim as suas construções internas. Buscamos viabilizar o espaço para que as crianças possam se movimentar, correr e se apropriar do espaço que é delas.

Nesse sentido compreendemos que podemos em diversos momentos proporcionar experiências significativas para as crianças, onde estas possam conectar seu corpo em seu espaço.

Conforme apontamos anteriormente é necessário que as crianças sejam indivíduos ativos no mundo. A brincadeira é uma forma de auxiliar a criança a se relacionar com o meio social de maneira ativa, apropriando de suas potencialidades e construindo seu mundo interior. Brincando, a criança envolve-se em um mundo

imaginário e para isso Vigotski (2007) nos explica que através deste brincar ela realiza seus desejos irrealizáveis.

Alves (2000) sugere que nesta brincadeira é preciso que a criança seja desafiada a imaginar e a criar, coisa que, segundo o autor, nos dias atuais pouco acontece, já que é oferecido às crianças brinquedos prontos que fazem tudo em apenas um toque no botão e, assim, ele logo ficará esquecido em um canto da casa, pois não instiga a criança. Alves (2000) diz ainda que quem deseja pensa, que quando uma criança quer algo visualiza seu anseio no pensamento, o conhecimento começa no pensamento e a partir daí a criança pode dar vida à sua imaginação. Vigostisky (2006) fala a esse respeito que todo descobrimento por menor que seja faz-se antes na imaginação como uma estrutura da mente.

Alves (2000) explica ainda que brincando nós podemos nos educar e aprender e que não se trata de querer tornar a educação mais fácil brincando, afinal “Quem brinca sabe que a alegria se encontra precisamente no desafio e na dificuldade” (ALVES, 2000, p. 2). Rosa Iavelberg (2003) fala acerca deste fato, afinal, para que haja o desejo do aluno é necessário que o professor os estimule, a autora explica que: “Apesar de que o gosto por aprender tenha raízes no universo do aluno, na maioria dos casos é a situação de aprendizagem que gera a disposição ou indisposição.” (IAVELBERG, 2003, p.11). Precisamos desafiar nossas crianças a imaginar e criar, seduzi-las a gostar do que se aprende, propor atividades que as instiguem, e depois de envolvidos o aprendizado acontece naturalmente.

Vigotsky (2006) nos traz uma reflexão sobre a arte e a imaginação criadora, o crítico explica que o cérebro não é um órgão que apenas reproduz algo que já vivemos, mas é também um órgão criador, capaz de lembrar o que já vimos e ouvimos e reelaborar em atitudes novas. O autor nos explica que cientificamente entende-se por imaginação ou fantasia o que não pode estar na realidade ou o irreal, porém, a imaginação criadora é quem possibilita a criação humana.

As crianças possuem uma grande capacidade criadora, sabemos que em suas brincadeiras reproduzem o que viram ou ouviram, mas a brincadeira não é limitada a recordação do que viveram, existe neste ato um imenso papel da imaginação, as crianças reelaboram criativamente o que viveram, criam novas possibilidades, como propõe Vigotisky:

O menino que cavalga sobre um pau e imagina que monta um cavalo, a menina que brinca com sua boneca e acredita ser mãe, os meninos que brincam de ladrões, de soldados, de marinheiros, todos eles mostram em suas brincadeiras exemplos da mais autêntica e verdadeira criação. (VIGOTISKY, 2006, p.12, tradução nossa)³

Desta forma compreendemos a importância de ampliar as experiências vividas pelas crianças para que eles possam ter base suficiente para sua atividade de imaginação criadora. Quanto mais ver, ouvir e experimentar mais assimilará o mundo a sua volta e maior será sua atividade criadora ampliando sua imaginação.

Pougy (2011) se detém acerca da experiência lúdica que estimula os sentidos fazendo com que nos sentimos vivos. As brincadeiras podem proporcionar as crianças um momento de experiência lúdica e estética, já que elas são ricas em cores, sons, formas e movimentos expressivos. A autora ainda explica que: “As brincadeiras são a principal forma de participação social das crianças. Brincando, os pequenos desenvolvem sua compreensão do mundo e se expressam imitando ou recriando as atividades com as quais mantêm contato” (POUGY, 2011, p. 17).

Sabemos que as crianças possuem menos experiências vividas que os adultos, mas elas acreditam de forma verdadeira em sua fantasia, isso faz com que sua imaginação as leve para lugares inexistentes e irrealis, as crianças possuem a capacidade de vivenciar o que imaginam de forma verdadeira. Neste sentido Vigotisky (2006) aponta sobre o teatro na infância que este possibilita a criança um momento de criação artística. A partir de seu instinto e da sua imaginação a criança improvisa impulsos emocionais, a criança não quer apenas sonhar mas encarnar as ações representadas. Vigotisky (2006) ainda propõe que:

O teatro está mais ligado às brincadeiras que qualquer outra forma de criação artística, é onde reside a raiz de toda a criação infantil e é por ela mais sincretizada, quer dizer, contém em si elementos dos mais diversos tipos de arte. (VIGOTISKY, 2006, p. 86, tradução nossa)⁴

A vivência artística proporciona assim que a criança imagine, crie e experiencie momentos e situações únicas, favorecendo assim sua potencialidade criadora, já que desta forma a criança já possui uma base suficientemente sólida.

³No original: “El niño que cabalga sobre um palo y se imagina que monta a caballo, la niña que juega com su muñeca y se cree madre, los niños que juegan a los ladrones, a los soldados, a los marineros, todos ellos muestran em sus juegos ejemplos de la más auténtica y verdadera creación” (Vigotisky, 2006, p.12).

⁴No original: “El teatro está más ligado que cualquiera otra forma de creación artística com los juegos, donde reside la raíz de toda creación infantil y es por ella la más sincretizada, es decir, contiene em sí elementos de los más diversos tipos de arte” (Vigotisky (2006), p. 86).

II. **Corpo como canal de conhecimento e o desenvolvimento infantil a partir da arte *Arte do / no sensível***

Duarte Junior (2010), em sua obra **A montanha e o videogame** estabelece sobre o corpo como canal do conhecimento. Vivemos em uma sociedade que possui uma cultura determinada e o nosso corpo que é produto da educação, é moldado por esse universo simbólico específico, ou seja, “[...] com sua interpretação do mundo e suas receitas para o viver, numa dada situação econômica e material” (DUARTE JUNIOR, 2010, p. 101). A obra nos faz refletir acerca das atitudes que estamos proporcionando para as nossas crianças, solicitando que elas estejam sempre quietas e sentadas, e utilizamos a tecnologia para este auxílio fazendo com que as crianças tenham a sua atenção voltada para as diversas telas que as cercam.

Duarte Junior (2010) nos traz também uma análise das gerações atuais com as antigas gerações que possuíam uma educação corporal regada a jogos de rua, corridas, brincadeiras ao ar livre, escaladas em árvores. Desta forma podemos nos questionar o que estamos proporcionando às nossas crianças no que diz respeito a educação corporal? Será que estamos atuando com a educação voltada para a experiência e vivência corporal ou a educação midiática onde o ficar quieto é o principal objetivo em sala de aula?

Nesse sentido, Gabriela Salvador (2011) afirma que o “corpo soma”, isto é, “[...] um corpo em contínuo processo de transformação e de ressignificação, sendo biológico, social, cultural, psicológico e físico, e estando em constante estado de afetação a partir de suas relações e experiências” (SALVADOR, 2011, p. 24). Por conseguinte entendemos que nosso corpo absorve todas as informações que recebe e apreende tudo a sua volta, podendo ressignificar todas as suas experiências. Assim, entendemos que o aprendizado corporal somente acontece se a experiência for de fato corporificada. Neste sentido nos valem da fala de Jorge Larrosa Bondía (2002) que expõe que a “Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca... A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Retomamos à reflexão de Duarte Junior (2010) acerca da criança em sala nos dias atuais, destacamos o alto índice de medicação dado às crianças para conter a

agitação das mesmas, por serem consideradas hiperativas, mas visto que estas crianças ficam boa parte do seu dia em ambiente fechados, sendo solicitados a todo momento que fiquem quietas e sentadas, elas acabam por terem suas potencialidades corporais, característica muito comum na infância, represadas e não expressadas como deveriam.

Esta forma de disciplinarização dos corpos das crianças acontece em casa e também com grande frequência nas escolas, instituições que as obrigam a assistir aulas convencionais sendo que poderiam estar em ambientes abertos realizando atividades sensoriais, experimentando o corpo no espaço, compreendendo seu corpo e tudo que o cerca. O autor ainda nos diz que “Não há como negar, por conseguinte, a urgência de pensar a educação do corpo, ou dos sentidos do corpo, em articulada relação com a educação do intelecto”. (DUARTE JUNIOR, 2010, p. 123).

É necessário que tenhamos um olhar cuidadoso para com a educação corporal, ele não pode ser visto como mero objeto que fica esquecido quando o intelecto está em atuação, é necessário que haja um equilíbrio entre o sentir e o pensar, sensível e inteligível devem possuir importância em igual proporção.

O ensino da arte no Brasil passou por diversos momentos durante a história do país. Na primeira metade do século XX o ensino da arte era baseado na livre expressão dos sentimentos e que a atividade criadora garantia o desenvolvimento íntegro do ser humano, como nos explica Elisa Carvalho (2007): “[...] a educação artística passou a ser concebida como desenvolvimento de habilidades motoras, domínio de técnicas e, sobretudo, desenvolvimento de habilidades criativas” (CARVALHO, 2007, p.25). Com este pensamento considerava-se que o desenvolvimento da criatividade era o essencial nas aulas de arte.

Carvalho ainda nos diz que esta prática gerou uma produção artística vista como qualquer coisa, já que existia uma atenção voltada apenas para a livre expressão deixando o resultado artístico de lado, e assim a disciplina de arte acabou sendo vista como mera atividade, até que na segunda metade do século XX esta visão foi modificada, como a autora nos explica:

Na reestruturação e unificação do emocional com o racional, novas transformações conceituais modificam o pensamento sobre o ensino de arte. A produção artística, os artefatos de arte não são mais vistos

separadamente da produção cultural de um povo, e sim como constituinte de sua cultura. (CARVALHO, 2007, p. 26).

Ainda nos dias atuais, nos deparamos com instituições de ensino que consideram a arte como um mero lazer ou uma distração e o professor de arte é visto como um “quebra - galhos” solicitado a todo momento a colaborar na decoração da escola em datas festivas ou de murais da escola bem como ensaio de danças e apresentações teatrais para serem apresentadas em tais datas. Duarte Junior (1986) nos alerta para essa problemática, em que a arte na escola é utilizada para confecção de presentes para dia dos pais e das mães, sendo estes pré-estabelecidos pela instituição escolar. Desta forma a livre criação e expressão do aluno são deixadas de lado e o desenvolvimento emocional que envolve a produção não é estimulado. Assim, o indivíduo fica condicionado a aceitar a arte que é voltada apenas para o produto final e não uma arte que poderia ser criada por ele mesmo.

Araújo (2015) nos falam ainda sobre alguns “inhos” e “inhas” da arte na escola, ou seja, os teatrinhos, as dancinhas nas festas comemorativas. O professor de arte além de todas as suas atribuições na escola, como qualquer outro professor, é responsável pelas apresentações dos alunos. A autora ainda nos diz que: “Ele é comumente requisitado para organizar atividades artísticas que são utilizadas como ferramentas pedagógicas para entreter um público, presentear alguém ou abrilhantar um evento” (ARAÚJO, 2015 p. 78).

Precisamos refletir sobre a presença da arte na educação infantil e como ela é importante para o desenvolvimento e a expressão do indivíduo, sendo assim, o processo de vivencia artística é tão importante quanto o produto final solicitado pelas escolas. Compreendemos que nossas crianças são a todo momento influenciadas pelas tecnologias que as cercam, já que vivemos em uma sociedade industrial movida pela indústria televisiva o que faz com que raciocínio lógico e as sensibilidades sejam de alguma forma separados.

Duarte Junior (2006) nos explica que, assim, ocorre uma banalização da arte, visto que a tecnologia proporciona uma democratização das obras artísticas, mas o autor nos diz que a problemática está “[...] nas políticas que regem a sua utilização, as quais, invariavelmente, estão a serviço da lógica mercantilista de nossa sociedade industrial” (DUARTE JUNIOR, 2006, p.158). Souza (2014) nos diz que

cada vez mais vivenciamos relações mediadas por bens culturais, o fato ocorre devido a indústria tecnológica com seus bens. O autor ainda reflete dizendo que:

A racionalidade capitalista, associada à maior possibilidade de consumo, imposta pela indústria cultural, transforma as relações imediatas em secundárias. Assim o indivíduo é aquilo que possui, e se relaciona com os outros mediante suas posses (SOUZA, 2014, p. 10)

Ainda segundo Souza (2014) a arte é incentivada e direcionada para a produção mercantilista, o pensamento parte do princípio que crianças são incapazes de produzir cultura. A racionalidade que vivemos prefere que o indivíduo aprenda apenas os conceitos prontos e objetivos que foram determinados. Duarte Junior (1986) nos explica que assim anulamos as características individuais do aluno, impossibilitando que este observe e compreenda o mundo com seus olhos.

Desta forma, através da arte, podemos despertar o olhar sensível e particular do indivíduo para com o mundo. A arte proporciona também que os sentimentos sejam, além de acessados, também desenvolvidos e transformados. É necessário,, porém, que os sentimentos não sejam reprimidos, mas que sejam estimulados a se expressarem, é preciso que os indivíduos conheçam e se familiarizem com os símbolos dos sentimentos. Duarte Junior (1986) nos diz que a escola tem uma função importante. De acordo com o crítico:

Conhecer as próprias emoções e ver nelas os fundamentos de nosso próprio “eu” é a tarefa básica que toda escola deveria propor, se elas não estivessem voltadas somente para a preparação de mão-de-obra para a sociedade industrial (DUARTE JUNIOR, 1986, p. 66).

Necessitamos ter consciência que arte na educação é uma forma de abordar a educação pensando não apenas na transmissão de conhecimento, mas também no processo evolutivo do indivíduo. Com este pensamento compreendemos que o importante na arte não é o produto final, mas o processo de criação onde o educando tem a possibilidade de elaborar seus próprios sentidos e sentimentos em relação ao mundo.

Para melhor compreendermos a criança e refletirmos sobre nosso trabalho com elas é indispensável pensarmos na psicologia do desenvolvimento infantil. Rappaport (2002), Fiori (2002) e Davis (2002) nos explicam que Sigmund Freud, com sua pesquisa psicanalítica, contribuiu para os estudos acerca do desenvolvimento da personalidade humana. Mesmo com seus estudos sendo feitos

com adultos, Freud mostra que acontecimentos vivenciados na infância podem influenciar em distúrbios no período da vida adulta.

Entendemos que a intervenção profissional é necessária para uma melhor compreensão do desenvolvimento infantil, um olhar sensível do professor pode contribuir de forma significativa para o aprendizado da criança. Os autores acima citados explicam que:

Se os pais forem apoiados e educados no sentido de proporcionar mais afeto e mais estimulação para o desenvolvimento intelectual e receberem eles próprios este afeto e esta estimulação, poderemos então minimizar um pouco o sofrimento de nossas crianças e diminuir o grau de abandono em que se encontram. Se as escolas forem instrumentadas para elaborar programas educacionais mais adequados a estas crianças, menor será o índice de evasão escolar e de desajuste social e profissional consequente (DAVIS; FIORI; RAPPAPORT, 2002, p.5).

Sendo o meio social grande influenciador do desenvolvimento infantil seria interessante pensar em estímulos que potencializem o aprendizado sensível da criança, o estímulo deve se estender à família para que esta possa também contribuir no desenvolvimento da criança. Com este pensamento Cavicchia (2010) discorre sobre o papel da interação com o outro na construção do conhecimento infantil observada por Jean Piaget é a partir da troca com o meio em que se está inserido que se constrói o conhecimento. Ela nos diz que a interação tem papel principal no estímulo do desenvolvimento da criança, e “[...] que o ato do conhecimento consiste em apropriação progressiva do objeto pelo sujeito” (CAVICCHIA, 2010, p.15.)

Sendo assim a criança terá um aprendizado pleno a partir da ação, é na interação com o meio que poderá se facilitar o desenvolvimento do conhecimento. Voltamos novamente à fala de Larrosa (2002), na qual a experiência significativa, que segundo o autor “[...] é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LARROSA, 2002, p. 25), é cada vez mais rara, já que vivemos em um mundo moderno e acelerado, onde a rapidez com que tudo acontece nos impede uma relação significativa com os objetos.

É preciso que sejamos capazes de auxiliar nossas crianças a terem experiências significativas para assim potencializar seu desenvolvimento. Essa experiência somente acontecerá a partir do momento que nós adultos formos capazes de construir ambientes que potencializem a relação das crianças com o

outro e com o ambiente, fazendo assim com que o aprendiz tenha sentido para o aprendiz.

III. Contexto estudado: A escola lócus da pesquisa

A instituição de ensino pesquisada foi fundada em 1993 na cidade de Campo Grande – MS, com projeto inédito na cidade o período integral. Hoje, a referida escola acontece em três prédios nomeados “Unidades”. A “Unidade I” contempla as séries de Ensino Fundamental I e II, a Unidade II contempla a Educação Infantil com crianças de 4 (quatro) meses à 5 (cinco) anos de idade (Lócus da nossa pesquisa) e a “Unidade III” que contempla o Ensino Médio. A instituição possui hoje cerca de 1000 alunos em todas as unidades, emprega aproximadamente 220 funcionários. Na Educação Infantil o corpo docente é composto por 28 profissionais e a Unidade abriga cerca de 375 crianças distribuídas em 19 turmas.

No ano de 2014 foi implantado um novo projeto de Arte e pensando em aprimorar nosso trabalho na escola propusemos às professoras da educação infantil, que acompanham o referido trabalho desde a sua implantação algumas questões para avaliar e compreender como o trabalho de arte está influenciando no trabalho das referidas professoras em sala de aula.

Devido às mudanças administrativas e principalmente a mudança no quadro docente de um ano para outro, encontramos na instituição apenas três professoras que poderiam responder as nossas questões, visto que nosso objetivo foi obter análises de integrantes do corpo docente que acompanharam o processo desde o início da implantação do projeto de arte nesta escola em 2014. Para assim podermos verificar o que elas compreendem acerca da importância da presença da arte para as crianças.

As questões levantadas buscaram observar como as professoras compreendem a presença da arte com as crianças e o que a implantação da disciplina de arte pode influenciar em outros momentos da vida escolar das crianças. A partir das respostas das participantes percebemos que há um grande envolvimento das crianças nas atividades, já que uma das professoras relata que elas compartilham tanto na sala quanto com as famílias as atividades feitas na aula de arte, e se demonstram mais interessados e alegres com as atividades de arte.

Uma outra professora alerta sobre a relação da arte com outras áreas de conhecimento, que as atividades artísticas proporcionam às crianças estar em contato com diferentes áreas do conhecimento humano e quando utiliza-se a arte para ensinar algo o aprendizado fica mais prazeroso e interessante, uma professora diz ainda que a arte desperta a criatividade, a imaginação e concentração das crianças, o que potencializa mais o seu aprendizado.

Questionamos também se a arte possui algum ponto negativo na escola. Uma das professoras relata que: “A falta de um espaço adequado para a arte e a organização geral de tudo. Percebemos que ainda encontramos dificuldades em nos adequar com o espaço que temos”. Compreendemos que as considerações negativas acerca do projeto são de bastante importância, visto que essas observações contribuem para a evolução do projeto na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu compreendermos que nós, adultos, somos responsáveis pelo ambiente que as crianças se desenvolvem. Entendemos que é importante, além de um olhar sensível, também nos propomos a imaginar e criar em conjunto com as crianças, vivenciarmos uma experiência significativa tal como proposta por Larrosa (2002). A sensibilidade não deve ser apenas incentivada nas crianças, mas em especial, em nós adultos, e a partir do momento que obtivermos sensibilidade conseguiremos proporcionar momentos sensíveis às nossas crianças. Acreditamos que a proposta de Arte / Educação trazida por Ana Mae Barbosa pode contribuir para o desenvolvimento infantil a partir do momento que apreendemos o mundo a nossa volta e o ressignificamos.

Tendo em vista as respostas das professoras consideramos que a arte, presente como uma disciplina na educação infantil, pode e deve dialogar com as professoras de outras disciplinas, já que são elas que recebem as crianças após cada aula de arte e que poderiam observar a reação delas. Desta forma é necessário que tenhamos, além de um diálogo amistoso, momentos de trocas, estudos e percepções da condição das crianças da educação infantil na escola, de forma a contribuir para o desenvolvimento das crianças. Somente conseguiremos colaborar com o pleno desenvolvimento infantil a partir do momento que tivermos um

olhar atento para o trabalho das professoras em sala. Portanto é necessário que trabalhemos em conjunto para assim contribuir para o desenvolvimento infantil.

Desta forma compreendemos que podemos sugerir às professoras que participem à medida do possível das nossas atividades para que estas possam vivenciar as experiências com as crianças e da mesma forma nós acompanharmos algumas atividades propostas pelas professoras para melhor compreendermos o processo aplicado com as crianças. Pretendemos, a partir de agora também que haja eventos em conjunto, atividades conjugadas pensando que o trabalho em conjunto pode aprimorar nosso trabalho em sala, compreendendo as necessidades das nossas crianças.

REFERÊNCIA

ALVES, Rubem. É brincando que se aprende. In: **Fazendo Escola**. Alvorada: Secretaria Municipal da Educação. v. 1, 2000, p. 22-23.

ARAÚJO, Christiane Guimarães de. A formação em artes cênicas (teatro e dança): contribuições para o trabalho e o bem-estar dos professores de arte de Campo Grande/MS. Disponível em:< <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/14925-christiane-guimares.pdf>> Acesso em 10 de setembro de 2015.

BARBOSA, Ana M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

BONDÍA, Jorge L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Trad. Joao Wanderley Geraldi. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 23 de agosto de 2015.

CARVALHO, Elisa Muniz Barreto de. Ensino de arte. In.: A proposta triangular para o ensino de arte: concepções e práticas de estudantes-professores/as. Universidade de Uberaba, 2007, 123f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Educação, Universidade de Uberaba, Uberaba – MG, 2007, p. 23-43.

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida. Disponível em:< <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>>. Acesso em 22 de agosto de 2015.

DAVIS, Cláudia; FIORI, Wagner da R.; RAPPAPORT, Clara R. **Psicologia do desenvolvimento**: teorias do desenvolvimento – conceitos fundamentais. São Paulo: EPU, 2005.

DUARTE JUNIOR, João F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Ed. Criar, 2006.

DUARTE JUNIOR, João F. **A montanha e o videogame**: escritos sobre educação. Campinas: Papirus, 2010.

DUARTE JUNIOR, João F. **Por que arte educação?**. Campinas: Papirus, 1986.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

POUGY, Eliana G. P. **Arte**: soluções para dez desafios do professor - 1º ao 5º ano do ensino fundamental. São Paulo: Ática, 2011.

RICHTER, Sandra. Infância e Imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice D. (Org). **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999, p. 180-198.

SALVADOR, Gabriela Di Donato. **Histórias e propostas do corpo em movimento**: um olhar para a dança na educação. Paraná: Unicentro, 2011.

SOUZA, André. B. C. Arte, infância e indústria cultural. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 39, n. 1, jan/abr. 2014.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. La imaginación y el arte em la infancia. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1Hlyoi_LRHY6eL5eCIGLtpXjet1ljuc6lsJFKoRFxp1s/edit?pli=1>. Acesso em 23 de agosto de 2015.

VIGOTSKY, Lev S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: COLE, Michael *et al* (Orgs). **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. AFECHE, Solange C.; BARRETO, Luís S. M.; NETO, José C. São Paulo: Martins Fontes, 2007.